

## A SOCIEDADE PERNAMBUCANA COLONIAL: Esboço de um estudo sobre a elite cultural (Séculos XVIII-XIX)

Marcos Antonio de ALMEIDA\*  
Arthur Estelita Cisneiros LEAL\*\*  
Diego Chaves Ramos SAMPAIO\*\*\*  
Eriverton Felipe de SOUZA\*\*\*\*

O objetivo dessa comunicação é iniciar uma reflexão sobre a formação das elites culturais em Pernambuco a partir dos séculos XVIII ao XIX. O trabalho apresentado nesse congresso será abordado a partir de três eixos: 1) Repensar outras possibilidades para o conceito de elite; 2) Identificação de pernambucanos práticos e teóricos; 3) Da prática à teoria: pensadores e artesãos de novas ideias e ideais. A partir dessas três bases fundadoras do pensamento pernambucano, procuraremos refletir sobre as atividades culturais como pressupostos para a formação de conhecimentos pertinentes à sociedade em movimento. Haveria, ainda, lugar para a questão do sentido da história? Passado, presente e futuro: tempos com fronteiras definidas, porém com conexões permanentes.

Repensar outras possibilidades para o conceito de elite se desenvolveu entre os campos da economia e da sociologia nos anos-chave pós 1848, com o Manifesto Comunista. Nesta época, elite e economia estavam intimamente associadas. Essa conceituação perdurou por todo o período que opunham as correntes socialistas e capitalistas, tensão e guerras entre o Ocidente e o Oriente, polarizados entre Russos e Americanos. As ciências humanas se apropriaram do conceito de elite associando-o ao conceito da sociologia pelas décadas de 1970 e 1980. Os pensadores mais influentes foram Eric Hosbawm, António Manuel Espanha etc. Novas conceituações vão se desenvolver a partir de 1990 com a Queda do Muro de Berlin (1989).

A história tem avançado nas pesquisas sobre indivíduos e grupos sociais que mudaram a cara do Brasil. Os séculos que precederam a Independência do Brasil (1822) aparecem como fundamentais para visibilizarmos alguns processos históricos em todas as regiões do Brasil colonial (FRANÇA, 2006). A liberdade como princípio do pensamento no Brasil colônia vai progressivamente tomando conta das sensibilidades subjetivas sobre as quais se associam expectativas de autonomia e de amor à liberdade. A justiça é o elo que une estas duas bases dos pensadores no Brasil<sup>1</sup>

---

\* Doutor em Histoire et Civilisations, pela Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris (2012). Atualmente é professor adjunto II da Universidade Católica de Pernambuco.

\*\* Aluno do Curso de Direito, da Universidade Católica de Pernambuco.

\*\*\* Aluno do Curso de Direito, da Universidade Católica de Pernambuco e de História, na Universidade Federal Rural de Pernambuco.

\*\*\*\* Aluno do Curso de Direito, da Universidade Católica de Pernambuco.

1 O Tratado de direito natural de Tomás António Gonzaga, escrito no final do século XVIII, só será publicado em 1942. História, Filosofia e Direito dedicar-se-ão a explorar essa obra como base para o pensamento jurídico no Brasil. Marília de Dirceu, personagem feminino, é a porta de entrada para conhecer as ideias de Tomás António Gonzaga. Vale sublinhar que eixos básicos sobre o direito natural fundamentais para o debate teórico acerca da Constituição dos Direitos Humanos. In:

[http://books.google.com.br/books?id=8D56NrW\\_224C&pg=PA526&lpg=PA526&dq=Justi%C3%A7a+e+Direito+colonial+brasileiro&source=bl&ots=yRRfLftozr&sig=1WU9M\\_z75qMOiGTLk1sAJ-OaAE0&hl=pt-BR&as=X&ei=j8Z4UOXAC8nl0gGY7YGoAw&redir\\_esc=y#v=onepage&q=Justi%C3%A7a%20e%20Direito%20colonial%20brasileiro&f=false](http://books.google.com.br/books?id=8D56NrW_224C&pg=PA526&lpg=PA526&dq=Justi%C3%A7a+e+Direito+colonial+brasileiro&source=bl&ots=yRRfLftozr&sig=1WU9M_z75qMOiGTLk1sAJ-OaAE0&hl=pt-BR&as=X&ei=j8Z4UOXAC8nl0gGY7YGoAw&redir_esc=y#v=onepage&q=Justi%C3%A7a%20e%20Direito%20colonial%20brasileiro&f=false) (Acessado em 12/08/2012).

## 1. Academias das letras e dos letrados

O século XVIII está na base da construção identitária local. O ex-franciscano e depois beneditino, Domingos Loreto Couto e frei Antônio de Santa Maria Jaboatão, franciscano, são dois letrados privilegiados de produções literárias apresentando indícios da evolução histórica dos grupos sociais, com seus costumes e ideias. Dessa forma, estes eclesiásticos consolidam suas ideias e propagam novas ideias que começam a emergir a partir das observações realizadas pelos homens práticos do passado nos vários campos de atividades: na terra e no mar. Os letrados setecentistas são verdadeiros observadores dos fenômenos naturais e sobrenaturais, eles buscam conhecer para explicar e sistematizar o conhecimento adquirido. Os resultados sobre as possibilidades de repensar o conhecimento e o mundo, as preocupações e métodos inovadores fazem dos letrados brasileiros uma elite intelectual. Estes homens, da Igreja ou do Estado, são importantes porque cabe a eles dizer alguma coisa à sociedade sobre a natureza e o estatuto do Brasil para os seus contemporâneos, para o mundo e amesmos. Para eles, a sociedade pernambucana é, portanto, o local privilegiado a ser observado para esclarecer o passado e o presente. O futuro é a meta a ser construído.

O desenvolvimento do trabalho será o resultado de leituras bibliográficas, estas apoiarão as nossas reflexões, análises e interpretações sobre os letrados, autores de obras sobre a vida e as ideias no Brasil e em Pernambuco.

No Brasil colônia, a produção acadêmico-literária brasileira esteve ligada à elite colonial. Esta foi responsável pelas principais obras que narram o nascimento, a vida e a morte dos conquistadores e de todos os que construíram o Brasil. Comumente a “elite colonial” e “cultural” são os termos utilizados para designar um seletivo grupo intelectual que, apoiado pelo estatuto religioso ou econômico, monopolizam a arte de pensar, de escrever e de fazer circular as suas obras através de publicações em Portugal (ATTILIO, 1999; KANTOR, 2004). Uma parte significativa da elite letrada brasileira tem o Direito, canônico e civil, como base para “civilizar” a barbárie da sociedade, pois ambos os direitos procuram controlar os comportamentos e para promoverem uma sociedade à luz da metrópole e de outros centros culturais europeus. Custeados pelas próprias famílias ou por mecenas generosos, muitos jovens partiram para estudar na Europa onde mantiveram contatos com as ideias mais difundidas naquele continente. Assim, ao voltarem, as ideias aportavam em terras brasileiras. O controle da coroa e da Igreja não estava suficientemente à altura de aprisionar o inaprisionável: as ideias e os rumores sobre uma nova possibilidade de ser brasileiro. Um Brasil “esquecido” busca o seu renascimento das cinzas, qual uma fênix. A Academia dos Esquecidos (1724) é um exemplo de como a sociedade se tornou o terreno no qual vai surgir *Frutas do Brasil* (ROSÁRIO, 1702/2002) obra que inaugura uma nova era colonial. Não custa sonhar, mesmo que, alegoricamente, pois as transgressões na América Portuguesa acontecem sob a mira da vigilância e da punição.

## 2. Contexto histórico das formas de pensar o Brasil e Pernambuco

Acredita-se que a elite colonial brasileira fora criada com os donatários portugueses, luso-brasileiros ou até mesmo os seus descendentes mais distantes que se utilizavam da comercialização do açúcar e, posteriormente, da escravidão e do ouro das Minas Gerais. Esta elite estaria associada ao senhor de engenho, continuador do antigo sistema feudal europeu. A fidalguia desses novos-ricos do ouro se apoiava, assim, no acesso aos recursos naturais, nas propriedades de terras e na posse de escravos para cultivá-las. No entanto, os intelectuais da Igreja católica que contribuíram para a produção acadêmica no Brasil, como o padre Antônio Vieira e muitos outros Jesuítas, clérigos seculares e regulares, também integraram uma ampla rede de pensadores participantes do Movimento Acadêmico no Brasil (CASTELO, 1969).

O clero secular é um grupo de elite a não ser negligenciado. Os vigários da paróquia de Santo Amaro de Jaboaão aparecem com uma formação intelectual significativa.<sup>2</sup>

A informação mais antiga sobre a igreja de Santo Amaro de Jaboaão é de 1594. Neste ano, o vigário, pela idade avançada, estava cego e foi substituído por seu coadjutor, o padre Antônio André (SANTOS, vol. I, p. 44). Em 1633, Santo Amaro de Jaboaão já é mencionada com o estatuto de paróquia e o seu vigário, Francisco Lopes de Lima, era considerado um “grande poeta” (SANTOS, vol. I, p. 441). Em 18 de maio de 1689, outro vigário, Adriano de Almeida assinava como testemunha testamentária de Maria de Albuquerque, mulher da aristocracia açucareira de Pernambuco, proprietária do engenho Muribeca. Em 1691, por ocasião da reconstrução da igreja paroquial, Francisco Lopes de Lima foi substituído e não encontramos mais notícias sobre a sucessão dos vigários dessa importante paróquia (SANTOS, vol. I, p. 26).

Na região de Santo Amaro de Jaboaão, os candidatos ao ministério sacerdotal parecem ter sido numerosos. Um dos mais notáveis é sem dúvida o padre João de Lima, nascido nesta paróquia, entrou no clero século. Este padre estudou música e se tornou músico, referência na arte de tocar e cantar. Ele foi por muito tempo mestre de música da catedral de Salvador, na Bahia. De retorno à Pernambuco, ele ocupou a mesma função na catedral de Olinda (SANTOS, vol. I, p. 439).<sup>3</sup>

### 3. De movimentos academicistas à sistematização identitárias

Em sete de março de 1724, inaugurava-se a Academia Brasílica dos Esquecidos. Fundada em Salvador, pelo vice-rei, Vasco Fernandez César de Menezes. As origens desse empreendimento cultural remetem ao nativismo colonial. Buscava-se partilhar os conhecimentos e estimular a produção literária para colaborar com a elaboração da História do Império Português e de suas possessões no ultramar. Essa foi a solicitação pedida pela Real Academia de História, criada em 1720, por D. João V. A novidade exaltou os ânimos daqueles que pensavam ter sido esquecidos pela metrópole. A repercussão foi instantânea, alguns países europeus, como a França, logo noticiavam a importância de uma academia para a intelectualidade d'além-mar (MOTA, 2003). O seletivo grupo foi nomeado segundo suas atividades práticas, pois muitos dos acadêmicos, embora letrados, estavam associados aos seus compromissos profissionais. Para participar dos grupos de estudos, a Academia nomeou pessoas consideradas idôneas e reconhecidamente comprometidas com os objetivos de promover o grupo local correspondendo aos pedidos reais. A primeira assembleia dos Esquecidos, em 1724, aconteceu no primeiro domingo após a páscoa daquele ano. O título de “Academia dos Esquecidos” deve-se ao fato dos seus membros se sentirem à margem da evolução do mundo. O Brasil queria se associar ao movimento academicista europeu do Império Português, pois este contava também com a participação de intelectuais de outras colônias portuguesas. Sendo assim, os seus membros se denominavam “esquecidos” pela Metrópole.

Embora esta academia apontasse para um novo ainda por ser esclarecido, a importância desse momento histórico reside num sentimento individual e coletivo de fazer justiça à

---

2 Listagem apresentada na sala de Ex-votos da paróquia de Santo Amaro de Jaboaão. Os padres Antônio André, Duarte Pereira (1601), Francisco Lopes Lima (1687), Francisco Alves da Silva (1746) 2, Inácio de Araújo Gondim (1772) e Saldanha Marinho (1795). Na virada do século XVII para o XVIII, o vigário da paróquia de Santo Amaro de Jaboaão é Agostinho Coelho de Meirelles, tio paterno do franciscano Antônio de Santa Maria Jaboaão (1695-1779). Pesquisa fotográfica realizada em 2010 por Marcos Antonio de Almeida.

3 Segundo Domingos do Loreto Couto, João de Lima tinha vivido por longo tempo longe da sua terra natal. Dotado na vocação para a música, João de Lima tocava toda espécie de instrumentos (órgão, violão, cítara e harpa), os que não o conheciam ficavam reticentes às informações sobre a capacidade do dito padre. Ele se distinguiu nos cargos eclesiásticos associados à animação da liturgia nas diversas igrejas da Bahia. Para comprovar suas habilidades, João de Lima foi convocado pelo bispo de Pernambuco, Matias de Figueiredo e Melo (1687-1694), que o teria convidado a tocar diante de si e dos colaboradores da diocese de Pernambuco.

negligência com que o Brasil era tratado pela metrópole. Nada mais legítimo que os estudos e as produções acadêmicas, pois as publicações literárias estimularam a sensibilidade crítica da população. Mesmo com um curto tempo de vida, essa academia se encerrou em 1725, frustrando, assim, dezenas de letrados esperançosos por dias melhores e mais justos para com “os do lado de cá” do Império português.<sup>4</sup>

A Academia Brasília dos Esquecidos deixou seu legado, principalmente do ponto de vista histórico, por ter sido um movimento sistematizado a partir de um projeto mais amplo, o da Academia Real de História do Império Português. A Academia Brasília produziu poesias e histórias, ela é considerada como um “movimento pré-concretistas”, pois para esta Academia o fato histórico sustentou todas as teses sobre um Brasil forte com um futuro aberto. A esperança não morreu em 1725. Ela renasceu em 1759 com a Academia Brasília dos Renascidos, pois esta iniciativa se inspirou na Academia Brasília dos Esquecidos. Os seus membros eram todos da elite local e outros residentes no estrangeiro. A elite local estava representada pelo chantre da catedral da Bahia, João Borges de Barros, pelo cronista franciscano frei Antônio de Santa Maria Jaboatão, pelo coronel José Mirales, pelo magistrado Inácio Barbosa Machado e pelo padre Antônio de Oliveira. Mas os membros dessa academia se situavam também em outras províncias do Brasil, como é o caso dos pernambucanos Domingos do Loreto Couto, franciscano/benedictino e frei Antonio de Pádua, bacharel em Direito. A presença desses homens daria continuidade e solidificaria as bases do ideal de um Brasil singular pelas suas características históricas.

Fundada também em Salvador, em seis de Junho de 1759, a Academia Brasília dos Renascidos foi oficializada na igreja dos Carmelitas calçados, em Salvador. O evento surgiu como uma iniciativa não mais ligada à Academia de História do Império Português, mas como um movimento acadêmico tentando trazer à tona muitas ideias da antiga Academia dos Esquecidos. O objetivo agora seria escrever uma história brasileira, particularizando a dominação e supremacia portuguesa a fim de trazer elementos compreensivos de como se dera a colonização e o processo histórico da América Portuguesa e/ou do Brasil (SCHWARTZ, 2003; MAURO, 1975). O público que assistira esta abertura profano-eclesiástica bastante heterodoxa: os eclesiásticos, a nobreza e a população em geral. Mesmo sendo um movimento elitista, a cerimônia foi aberta ao público, diferentemente dos eventos sociais anteriores que, nas suas origens, eram elitistas. Uma nova era parece começar, pois, nesse momento histórico, a elite no Brasil dá indícios de uma nova compreensão sobre si própria e sobre outras formas de elites, aquelas que se passam despercebidas dos ditos letrados e que estão ligadas ao poder através de seus grupos de pertença: negros, mulatos/*pardos*, militares, clérigos anônimos mas práticos nas descobertas das particularidades dos vastos sertões do Brasil e das injustiças que assolam a terra brasileira. Com a participação de muita gente anônima do povo, a população do Brasil começa a mostrar as suas diversas caras. No entanto, para o ritual solene de inauguração, havia um local de preferência para os nobres e para os acadêmicos.

#### **4. Pensando as elites ontem e hoje: antigas e novas produções e visões de mundos distintos.**

Domingos do Loreto Couto foi cronista, entrou primeiramente na ordem franciscana e depois “transitou” para a ordem dos beneditinos, na França, residindo no mosteiro de Olinda. Nascido em Recife em fins do século XVII, não se sabe bem a data do seu falecimento. Loreto Couto pertenceu da Academia Brasília dos Renascidos e escreveu uma obra de extrema importância sobre a evolução da formação de Pernambuco e ponderar aspectos da consciência identitária dos pernambucanos. A sua obra, intitulada *Desagravos do Brasil e Glórias de Pernambuco*

---

4 Para os historiadores, a causa para o fechamento dessa academia teria sido a prisão do seu diretor, por ter descumprido ordens da coroa Portuguesa que pedia a perseguição de missionários Jesuítas no Brasil.

clama por justiça àqueles que construíram o país, pois, segundo ele a formação do Brasil conta com a participação dos índios, dos escravos africanos, dos seus descendentes e dos portugueses.

Loreto Couto mais de que um cronista, ele é um genealogista que história a sua versão sobre os tempos passados e o seu tempo. A sua base fundadora é o período no qual retrata as comunidades indígenas. Ele procurou combater o que ele considerava como equívocos e injustiças que os portugueses e demais escritores diziam sobre os índios da América Portuguesa. Loreto Couto valorizava o nativo e refletia sobre as contribuições legadas desse tempo ainda vivo na memória individual e coletiva.

A visão historiográfica até o século XVIII classificava os índios como seres rudes, violentos, incultos, desprovidos de civilização, pois eles ainda são apresentados como canibais assassinos, praticantes de rituais bárbaros. Os índios do Brasil foram apresentados, através de vários escritos, como um grupo “sem fé, sem lei e sem rei”. Domingos Loreto revisou o conceito e a forma de retratar os “naturais do Brasil”, seus novos estudos argumentavam que os índios não eram privados de atividades intelectuais, pois eles tiveram acesso à leitura e muitos índios não eram violentos como os portugueses os classificavam. A barbárie, para o nosso pernambucano, não era um atributo apenas dos habitantes do Brasil antigo. Ele ressaltava que, da mesma forma que os europeus insistiam em seus escritos sobre a violência das comunidades indígenas, poder-se-ia também dizer que o comportamento violento também era uma característica de várias regiões europeias antigas. Loreto Couto concluiu que as estruturas históricas e políticas dos indígenas coincidiam com as dos povos europeus e argumentava que os nativos do Brasil não deveriam ser tratados como inferiores.

O ponto de vista de Loreto Couto encontrou eco na educação, na linguística na cultura Ameríndia.<sup>5</sup> Costumava-se dizer que o índio além de ser bárbaro era, também, um ser que não tinha fé nem religião, ele deveria, então, ser catequizado e salvo pelos missionários. Franciscanos, jesuítas, carmelitas, clero secular, todos atuavam na conversão indígena. A posição eclesiástica que Domingos do Loreto Couto ocupava não o isentava de partilhar da mesma visão dos seus contemporâneos. Loreto tinha uma visão ambígua no que concerne à lógica da salvação, porém ele vai de encontro às demais visões, pois, para ele mesmo que o índio não tivesse uma manifestação religiosa, o índio tinha uma visão e práticas religiosas diferentes. Ao escrever que “começando o homem a buscar a deidade fora de si mesma não há que fazer conta maior ou menor de capacidade, porque anda também fora de si para a mesma razão”, Loreto Couto utilizou uma análise comparativa dos nativos do Brasil com as civilizações greco-romanas haja vista que a razão não os greco-romanos seguidores de uma religião comum a todos eles. Sublinhando a ideia de que os antepassados europeus não eram “dotados da razão”, Loreto Couto justificava que aqueles não praticavam uma religião verdadeira. Tal analogia serviu como argumento contra aqueles que diziam que os índios do Brasil eram ateus. Justiça seja feita! Do ponto de vista antropológico, as guerras entre eles não eram sinais de inferioridade, não mostrava decadência ou canibalismo daquela civilização, pois os europeus que se julgavam modernos e civilizados face aos índios do Brasil, aqueles também realizaram guerras e se matavam uns aos outros.

E o que dizer da língua, fator fundamental para a comunicação até então? Na questão linguística, Loreto Couto enalteceu que havia uma compreensão entre os nativos do Brasil, a sua língua não era um idioma bárbaro e incompreensível. As fonéticas da língua brasileira se assemelhavam às línguas europeias. Isso resultaria numa hipótese surpreendente, o povoamento da América se deu com a junção e a separação dos continentes.<sup>6</sup>

---

5 DÍAS-COUDER, Ernesto, “Diversidad cultural y educación en Iberoamérica.”, In: Revista Iberoamericana de Educación, Ejemplar dedicado a: Educación, lenguas, culturas), nº 17, 1998, pp. 11-30; PESAVENTO, Sandra Jatahy, “Tupy or not Tupy. That was the question.”, In: Cahiers du monde hispanique et luso-brésilien, N° 86, Paris: EHESS, 2006, pp. 31-42.

6 A ideia de que os continentes já estiveram juntos e que isso facilitaria o povoamento da América com sons aparentemente semelhantes aos de outros povos (o que por Paul Rivet é considerado impossível que o povoamento

Em *Desagravos do Brasil, glórias de Pernambuco*, Loreto Couto enfatiza a nobreza do indígena e a procura desdizer as injúrias e injustiças até então praticadas contra o que se tornaria, no século XIX, a base da formação da identidade nacional. A inovação das ideias de Loreto Couto consiste em construir uma nova interpretação sobre o Brasil e sua população. Para ele, o ponto de partida para tal procedimento se fundamenta na questão indígena. A análise do índio, da sua resistência e importância na formação do Brasil se situa na sua história desde a fundação até o respectivo presente do autor. Em estilo romântico e patriótico, a história do Brasil é vista a partir de Pernambuco; revelando uma nostalgia de um passado bárbaro e lúdico, apoiando-se nas tradições orais e literárias de Pernambuco. Os personagens históricos são os mais variados e fogem ao esquema letrado/iletrado, pois, para Loreto Couto, Pernambuco é tecido por grupos de elites distintos: dos frades, aos músicos, clérigos ao povo em geral, o que unia todos era o sentimento de pertença à terra, Pernambuco, local singular e de onde emanariam outras possibilidades as ideias e as práticas para repensar e valorizar os habitantes e a geografia privilegiada.

José Murilo de Carvalho<sup>7</sup>, sociólogo e historiador, pesquisou e escreveu sobre as elites brasileiras e a sua produção intelectual inscritas nos períodos do Brasil Império (1822-1831/1831-1889) e na primeira república (1889-1930).

Sua obra principal é fruto da sua tese de doutorado, defendida em *Stanford University*, em 1974. O livro foi dividido em duas partes, a primeira intitulada “A construção da Ordem” e a segunda parte “*O teatro das sombras: a política imperial*”. Na primeira parte do livro, Carvalho se dedica a refletir sobre a formação escolar e sobre os padrões das carreiras políticas. Ele privilegiou o tema *elite* pelo fato de perceber que a educação e a formação escolar eram direcionadas para o fortalecimento de uma ideologia que sustentasse a hegemonia de grupos fundamentalmente assentados na condução da governabilidade do país. Essa formação escolar sofreu influência da Universidade de Coimbra, principalmente a formação jurídica da época que, por sua vez, influenciou a fase de consolidação da política do sistema imperial. Esse “pensamento único” se tornou a base da ideologia predominante na formação política do Brasil e que se espalhou pelas sedes provinciais.

A obra *A construção da ordem*, de José Murilo de Carvalho, foi pioneira no estudo da formação das elites num contexto historicamente situado – o período imperial brasileiro –, afastando-se da História das Ideias ou do Pensamento e dedicando-se à problemática da formação escolar e dos padrões de carreira política. Carvalho (1980) escolheu essa elite pelo seu caráter homogêneo em termos de treinamento e formação escolar. Por isso, a elite brasileira no período representava uma *ilha de letrados num mar de analfabetos*. Esse treinamento homogêneo, especialmente a formação jurídica, era dado pela Universidade de Coimbra, e posteriormente em algumas capitais provinciais. Esses centros de saber muniram a elite de uma ideologia homogênea. Desse modo, a formação da geração de Coimbra predominou durante a fase de consolidação política do sistema imperial e, a partir daí, foi substituída pela geração brasileira. Essa estabilidade do sistema político brasileiro também se refere à construção de várias carreiras políticas e à acumulação de vasta experiência de governo (MONTEIRO, Lorena. 2009, p.27).

---

da América esteja associado a Junção dos continentes, uma vez que a ocupação ocorreria posterior as mudanças geográficas na separação dos continentes).

<sup>7</sup> Nascido em Minas Gerais, José Murilo é professor da UFRJ.

Flávio Madureira Heinz<sup>8</sup> é outro autor importante que contribuiu para avançar na reflexão sobre os conceitos de elite e sobre as elites brasileiras. A contribuição do professor Heinz se deu por conta do método que ele utilizou para os estudos sobre as elites. Sua principal obra é uma coletânea organizada por ele mesmo intitulada “*Por outra história das elites*”, no livro o autor faz um registro historiográfico que não se furta a diversas alusões as ciências sociais, oferecendo ao leitor um conjunto de possibilidades analíticas surgidas mediante a aplicação da metodologia das biografias coletivas das elites ou prosopografia, algo inédito nos estudos das elites e na língua portuguesa.

Heinz procura com sua obra atribuir um significado mais sociológico ao termo “elite”, e isso é dito por ele na introdução da obra acima citada, obra essa que se divide em duas partes, a primeira parte é dedicada ao balanço dos estudos historiográficos das elites e aos seus aspectos metodológicos, com relação a segunda parte, o autor busca por meio do estudo de seis monografias sobre diversos grupos de elite de diferentes locais e em diversos momentos históricos.

Segundo Luis Domingos Costa e Júlio Cesar Gouvêa que escreveram uma resenha sobre a obra de Heinz em 2007, o livro do autor é bastante ilustrativos das dificuldades técnicas e dos detalhes aos estudos prosopográficos de elites. Apresenta também uma grande quantidade de informações catalogadas e sistematizadas sobre diversos tipos de elite, a saber: nacional; regional; municipal; profissional e sindical situadas em postos distintos no tempo e no espaço. Isso é importante uma vez que há certa limitação dos estudiosos ao se defrontarem com a ausência de dados sistematizados sobre os agentes sociais em seus estudos.

Outro importante autor sobre as elites (intelectuais) foi o alemão Fritz Ringer que escreveu um livro intitulado “O declínio dos mandarins Alemães” onde o autor faz uma análise da comunidade intelectual alemã, surgida em meio ao desenvolvimento do capitalismo, quando o capital econômico ainda não era amplamente valorizado como qualificação do status social. Apesar de ser uma comunidade integrada e homogênea devido ao mesmo tipo de escolarização e status social, Ringer identifica algumas divergências e os classifica com relação aos seus posicionamentos como ortodoxos e modernistas. Para Lorena Monteiro a contribuição de Ringer está justamente na capacidade do autor em articular o contexto de mudanças sociais profundas por quais passava a Alemanha com as experiências compartilhadas por esses intelectuais e sua opiniões e posições. Assim ela diz:

Portanto, Ringer (2000) contribuiu para a análise das elites intelectuais ao ter articulado esse contexto histórico de mudanças sociais profundas com as experiências compartilhadas desses intelectuais e a posição deles, através das suas opiniões, sobre a realidade na qual estavam inseridos (MONTEIRO, Lorena. 2009, p.27).

Quem segue a mesma Linha de pensamento de Ringer aqui no Brasil é Ângela Alonso que tentou atribuir também ao conceito de elite um significado sociológico, no seu trabalho sobre a geração de 1870 um movimento de intelectuais marginalizados que criticava a política do período imperial do Brasil, a obra tem o título de “Ideias em movimento – A geração de 1870 na crise do Brasil - império”. Ângela faz sua análise sobre a elite da época através da ótica da política:

O sentido principal do movimento intelectual da geração 1870 foi a intervenção política. Argumento que grupos politicamente marginalizados pela ordem

---

8 Graduado em história, mestre em sociologia rural pela UFRS e doutor em história e sociologia do mundo contemporâneo (Université de Paris Ouest, Nanterre, 1996) e desde 2008 é professor do programa de pós-graduação em história da PUC-RS.

imperial recorreram ao repertório estrangeiro e à própria tradição nacional em busca de recursos para expressar seu descontentamento. Suas opções teóricas adquirem, assim, uma dimensão inusitada: auxiliaram na composição de uma crítica ao *status quo* imperial. O movimento intelectual revela ser um movimento político de contestação. Suas obras exprimem interpretações do Brasil críticas ao status quo monárquico e programas de reformas. Por isso proponho nomeá-lo reformismo (ALONSO. Ângela.2000, p.36).

A importância do trabalho da autora é justamente fugir da análise dos movimentos intelectuais por meio da história das ideias, ou pelo menos não ficar só na análise da história das ideias. Ela percebe que tratar o grupo de intelectuais surgido na época a partir das ideias por ele propagadas pressupõe uma autonomia com relação aos demais campos da sociedade, o que não existia, pois tanto os intelectuais quanto os políticos estavam atrelados entre si. Ainda segundo Ângela, a mudança de ótica revela que o movimento intelectual não estava alheio à realidade nacional, nem visava criar teorias universais, mesmo sofrendo influência de correntes como o darwinismo, o cientificismo, o positivismo entre outros. Pelo contrário, essas teorias estrangeiras eram selecionadas a partir de um critério político que contribuíram para que o movimento de contestação ao império ganhasse espaço e força política.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ATTILIO, N. U.. **A Academia Brasílica dos Esquecidos no contexto do movimento academicista brasileiro**. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 1999.
- CASTELLO, José Aderaldo. **O Movimento Academicista no Brasil (1641-1820/22)**. São Paulo: Conselho estadual de Cultura, 1969.
- FRANÇA, Eduardo Paiva. **Brasil-Portugal: sociedades, culturas e forma de governar no mundo (séculos XVI-XVIII)**. São Paulo: Annablume, 2006.
- HEINZ, Flávio M., (Org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.
- HESPANHA, António Manuel. HEINZ, Flávio M. (Org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.
- HESPANHA, António Manuel. **Inquérito aos sentimentos de justiça num ambiente urbano**. Lisboa: Ministério da Justiça/GPLP, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Imbecillitas**. As bem-aventuranças da inferioridade nas sociedades do Antigo Regime. São Paulo: Annablume, 2010.
- HOBSBAWM, Eric J. E.. **A era das revoluções (1789-1848)**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- KANTOR, Iris. **Esquecidos e Renascidos**. Historiografia Acadêmica luso-americana (1724-1759). São Paulo: Hucitec, 2004.
- MAURO, Frédéric. **Do Brasil à América**. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- MONTEIRO, Lorena. **Estudos de elites políticas e sociais: as contribuições da Sociologia e da História**. Porto Alegre: Brasil. 2009.



MOTA, Isabel Ferreira da. **A Academia Real da História**. Os intelectuais, o poder cultural e o poder monárquico no século XVIII. Coimbra: Minerva Coimbra, 2003.

ROSARIO, Antônio do. **Frutas do Brasil numa nova, e ascetica Monarchia, consagrada à Santissima Senhora do Rosario**. Apresentação Ana Hatherly (Fac-símile da edição de Lisboa: António Galvão, 1702). Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002.

SANTOS, Fernando Pio dos. **Apontamentos biográficos do clero pernambucano**. Recife: Arquivo Público Estadual Jordão Emereciano, 1994. 2 vols.

SCHWARTZ, Stuart B.. **Da América portuguesa ao Brasil**. (Tradução de Nuno Mota). Lisboa: Difel, 2003.

## REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

ALONSO, Ângela. Crítica e contestação: o movimento reformista da geração de 1870. In: **SciELO - Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 15, n° 44, pp. 35-54. In: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v15n44/4146.pdf> (Acessado em 07/11/2012).

DÍAS-COUDER, Ernesto. Diversidad cultural y educación en Iberoamérica. In: **Revista Iberoamericana de Educación**, Ejemplar dedicado a: Educación, lenguas, culturas), n° 17, 1998, pp. 11-30. In: <http://www.rioei.org/oeivirt/rie17a01.htm> (Acessado em 20/09/2011).

COSTA, Luiz Domingos, GOUVÊA, Julio Cesar. Elites e historiografia: questões teóricas e metodológicas. In: **Revista de Sociologia e Política**, jun., n° 28, Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2007, pp. 251-257. In: <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/238/23802817.pdf> (Acessado em 07/11/2012).

HEINZ, Flávio M. (Coord.). Poder político, elites, burocracia, história social, burguesia, intelectuais, prosopografia. In: **LabConeSul – História Social e Comparada**. In: <http://historiasocialecomparada.org/pesquisadores> (Acessado em 07/11/2012).

PEREIRA, Paulo Roberto Dias. Lettres Persanes e Cartas Chilenas: os costumes sob o signo Iluminista. In: **III Congresso ABRALIC**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Rio de Janeiro: ABRALIC, 1995. 2 vols., In: [http://books.google.com.br/books?id=8D56NrW\\_224C&pg=PA526&clpg=PA526&dq=Justi%C3%A7a+e+Direito+colonial+brasileiro&source=bl&ots=yRRfLftozr&sig=1WU9M\\_z75qMOiGTlk1sAJ-OaAE0&hl=pt-BR&sa=X&ei=j8Z4UOXAC8nl0gGY7YG0Aw&redir\\_esc=y#v=onepage&q=Justi%C3%A7a%20e%20Direito%20colonial%20brasileiro&f=false](http://books.google.com.br/books?id=8D56NrW_224C&pg=PA526&clpg=PA526&dq=Justi%C3%A7a+e+Direito+colonial+brasileiro&source=bl&ots=yRRfLftozr&sig=1WU9M_z75qMOiGTlk1sAJ-OaAE0&hl=pt-BR&sa=X&ei=j8Z4UOXAC8nl0gGY7YG0Aw&redir_esc=y#v=onepage&q=Justi%C3%A7a%20e%20Direito%20colonial%20brasileiro&f=false), (Acessado em 10/10/2012)

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Tupy or not Tupy. That was the question. In: **Cahiers du monde hispanique et luso-brésilien**. N° 86, Paris: EHESS, 2006, pp. 31-42. In: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3465385> (Acessado em 08/06/2011).

SILVA, Bruno. Fabricando Identidades: Domingos Loreto Couto, Vida e obra de um Cronista Luso-Brasileiro na Pernambuco de Meados do Século XVIII. **Revista Cantareira**. Rio de Janeiro: UFF, jul./dez., 2011, In: <http://revistacantareira.files.wordpress.com/2012/01/e2809cfabricandoe2809d-identidades-domingos-loreto-couto-vida-e-obra-de-um-cronista1.pdf> (Acessado em 10/11/2012).